



A ESTREIA DE UM QUARENTÃO

— EVARISTO DE MORAES FILHO —

OTHON Meacyr Garcia é o nome, por inteiro, do quarentão do título. Trata-se de um sujeito anticabotino, por excelência. Ao contrário da quase totalidade dos nossos plumitivos, que são capazes de vender a alma ao diabo por uma nota em jornal, vive o nosso herói uma vida calma e tranqüilla, sempre às voltas com os seus livros, com os seus alunos, assistindo, ao lado de sua mulher, às correrias dos seus três gurus pelo longo quintal da casa. Longe das igrejinhas, dos grupos literários, poucos viverão nesta terra tão próximos da literatura como ele. É que alguns de nossos escritores de suplemento confundem mesa de bar com estudo sério e profundo. Não que o Othon não seja um boêmio, mas o é no único e verdadeiro sentido da palavra: um autêntico boêmio, mas o é no único e verdadeiro sentido da palavra: um autêntico boêmio do espírito, deixando-o vagar livremente, sem peias, nem preconceitos, livre, sempre livre a todas as idéias e sempre capaz de compreender todos os caminhos deste mundo.

Acaba de aparecer agora, na coleção de literatura da Livraria S. José, o seu ensaio sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade — "Esfinge clara". Procurou ele aplicar à obra poética do grande mineiro o processo de associação semântica e paronomástica, que significa simplesmente: palavra-puxa-palavra, e chegou a resultados surpreendentes. Ou melhor, se ele assim o fez, é porque a poesia de Drummond de Andrade muito se utiliza deste recurso, assim descrito pelo autor: "O sistema consiste, em linhas gerais, no encadeamento de palavra, quer pela afinidade ou parentesco semântico, quer pela semelhança fônica (paronímia, homofonia, aliteração, rima interna), quer, ainda, pela evocação de fatos estranhos à atmosfera do poema propriamente dito (frases-feitas, elementos folclóricos, reminiscências infantis, circunstâncias de fato, resíduos de leitura).

A essa técnica de composição damos aqui, freqüentemente, o nome de associação semântica — implícita ou explícita —, correlação de idéias afins, associação paronomástica, jogo de palavra-puxa-palavra, cadeia ou encadeamento semântico e, também, o de associação mecânica".

De posse desse instrumento de interpretação, torna-se clara e límpida a esfinge, conhecido o seu segredo, como alguém que desarticula todas as peças de um "puzzle". O crítico caminha de dentro para fora, e não de fora para dentro, veste-se inteiro do poema analisado, como quem se tranca dentro de um fecho eclair. Penetra na intimidade da obra poética, mas de cabeça fria, caminhando de "flash" na mão, a iluminar os reflexos da vida anímica do criador do poema. Mas não procura fazer o caminho inverso do poeta, nem antecipar-se ao seu próprio trabalho, como quem já sabe de antemão os resultados a que deve chegar. Não, pelo contrário: entre o corpo da poesia e a vestimenta da crítica não sobram espaços vazios, à maneira dos armaduras medievais, com juntas rígidas e retas endurecidas. O tecido desta crítica é de malha, porque não perde a plasticidade da forma, nem lhe emperra os movimentos. Se pudéssemos aplicar aqui a linguagem da física moderna, diríamos que se trata de uma "micro-crítica", em profundidade, e não de uma "macro-crítica", extensa e superficial.

A técnica levada a efeito por Othon Garcia pode-se enquadrar dentro dos modernos princípios de crítica de Richards e do "criticism" literário que procura fazer da obra de arte um todo fechado em si mesmo, capaz de uma análise profunda, pura, através de seus elementos constitutivos. Requer, sem dúvida, honestidade de propósitos e humildade de esforços, lem-

brando por vezes a paciência do trabalho artesanal, a bico de alfinete, na procura do verdadeiro segredo que sustenta todo o restante da criação artística ou literária. E nessa busca, como num jogo de espelhos mágicos, deve o crítico fazer coincidir a sua imagem com a do escritor analisado; sem o que, toda a sua tarefa parecerá artificial e estranha, como quem — na conhecidíssima frase feita — acaba exatamente de mator a rosa, desfolhando-a, na ânsia de encontrar a fonte do seu perfume.

Pois bem, Othon Garcia, bacharel em Direito como toda a gente, licenciado em literatura e língua portuguesa (brasileira) pela antiga Universidade do Distrito Federal, professor do Colégio Pedro II, com passagem por universidades americanas, estava indicado para o ensaio que realizou. Não lhe faltavam cultura nem sensibilidade, temperamento poético que é. Grande também é a sua afinidade com o forma de vida de Drummond de Andrade, apesar de não se conhecerem pessoalmente. Embora inédito em livro, Othon já havia publicado vários ensaios e proferido algumas conferências na Revista e no Instituto Brasil-Estados Unidos, aí pela década de 40-50, sobre Poe, Whitman e outros desta categoria.

Aí está, "seu" Othon, revelado alguma coisa de sua vida, tão contra os seus hábitos e os seus princípios, ficando o estudo mais demorado do ensaio para outra oportunidade, mas não poderíamos deixar de registrar desde logo a sua publicação e quanto significa para V., para Drummond, para os seus amigos e para a cultura brasileira.